

## O Fantasma Freyreano

Amauri Mendes Pereira<sup>1</sup>

Tive conhecimento do Congresso Internacional Paulo Freire em Agosto, no Congresso Luso-Brasileiro de Currículo, na UERJ. Imediatamente me vi estabelecendo relações entre os Fre [iy] res. Explico: acabara de rever e enviar o meu texto para o Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, que seria realizado na Universidade de Coimbra, e o título era exatamente *Reflexões Pós-Freyreanas sobre armadilhas da etnicidade*.

Nesse breve texto, então, tentarei dar conta das reflexões que me assaltaram, perante a possibilidade de apresentar um trabalho com aquele título numa semana e na seguinte participar de outro Congresso no qual encontraria Freireanos, especialistas em Educação. E a oportunidade de poder falar-lhes sobre descaminhos com que deparamos frente à temática *Educação e questão racial* no Brasil.

\* \* \*

**Reflexões pós-freyreanas**, porque o trabalho de Gilberto Freyre é datado e percorreu – para o bem e para o mal – trajetória admirável para qualquer obra sociológica/literária, tornando-se uma referência mundial de interpretação da questão racial no Brasil. Minha questão é mais com os cientistas sociais que trabalham ainda hoje com conceitos e categorias de análise das quais Freyre se serviu em Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos, principalmente, como se vivessem na época em que Freyre os escreveu.

Sobre África, por exemplo, até a década de 30 do século XX, havia quase que exclusivamente pesquisas antropológicas e etnológicas sobre o continente africano – que, por sinal, serviram de posto avançado da ocupação colonial – e acreditava-se que seus povos não tinham história, no sentido de (sob a ótica daqueles estudiosos) não apresentarem transformações nas estruturas sociais e econômicas. Freyre, que se baseou naquelas pesquisas, partilhou a tese predominante na época, de que de as “culturas negras no novo mundo” representavam nada mais que sobrevivências e atavismos, e não decorrência de ressignificações daqueles homens e mulheres, a partir do impacto do tráfico e da nova situação em terras e condições completamente diferentes. Sobre a atualidade das relações raciais no Brasil basta referir que o senso comum e os estudos do tema ainda têm como referência a etnicização do negro (atenção: do negro, não do povo brasileiro. No Brasil étnicos são negros e índios o branco é a norma, o padrão, não é tematizado), da qual Gilberto foi um incansável arauto. Isso, contra a pregação de alguns raros intelectuais como o também sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, que, negro, rejeitava inteiramente aquela abordagem. Para ele havia “o negro tema, e a vida do negro” e os tematizadores do negro incidiam no que ele chamava *patologia social do branco brasileiro*. Guerreiro Ramos verberava contra Freyre e freirianistas que enfatizavam discrepâncias socialmente construídas, ainda que baseadas em diferenças fenotípicas, ao invés de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais-UERJ. Pesquisador do Centro de Estudos Afro-Brasileiros – UCAM-RJ-BR

considerarem prioritariamente a vida cultural e social “abrasileirada”, longamente construída, da população negra.

\* \* \*

Como o campo de pesquisa para a minha tese de doutorado é a escola – o espaço público em que investigo a construção de uma Cultura de Consciência Negra, para além do racismo e do anti-racismo – tenho deparado muito com a saudável influência que o pensamento de Paulo Freire espargiu sobre os educadores. Mas no que toca às demandas de uma pedagogia que incorpore as diferenças físicas como naturais, ao invés de naturalizá-las como desigualdades, e de conteúdos que incorporem a história e cultura afro-brasileira, quebrando a exclusividade do eurocentrismo; pois aí nem sempre predomina a convergência.

Mesmo entre educadores engajados na compreensão e vivência do pensamento de Paulo é de se perceber dificuldades de superar a valorização da mestiçagem como etapa de um branqueamento desejável e o sincretismo cultural como etapa da assimilação do negro às “matrizes civilizatórias européias”.<sup>2</sup> É comum a reprodução, muitas vezes desavisada, desse tipo de noções ardorosamente defendidas por Gilberto e consagradas como “mito da democracia racial”. Nada mais fora de lugar.

Tanto a trajetória de vida, como o pensamento, os compromissos políticos e a práxis de Paulo, desautorizam qualquer proximidade com o que representou Gilberto. Paulo não etnicizava, mas foi capaz de valorizar, na situação concreta da Guiné-Bissáu, as pesquisas lingüísticas que propiciariam a alfabetização inicial de grupos étnicos em suas línguas específicas – ele percebeu agudamente que a primeira alfabetização em língua estranha pode violentar e alienar o sujeito em processo de aprendizagem.

Mais do que se referir à notória diferença de personalidades (o coloquialismo de um e o narcisismo – assumido – do outro), é fundamental lembrar que, enquanto Gilberto viajava pelas ex-colônias portuguesas em África concebendo o luso-tropicalismo – tentativa de teorizar o papel civilizatório de Portugal, com o sentido de perpetuar o sistema colonial – Paulo era levado a abandonar o país exatamente por sua trajetória junto às classes populares, num esforço de ajudá-las a reinventar o mundo.

Embora a questão racial não estivesse claramente delineada em seus escritos sobre a defasagem educacional no nordeste dos anos 50 e 60, ele irá recuperá-la adiante, ao tocar sem mistério e sem medo na necessidade de se enfrentar as desigualdades materiais e simbólicas geradas pelo preconceito e a discriminação racial. Exemplo disso viu-se em marcante debate com Darcy Ribeiro, em 1991, quando defendeu a construção de escolas pequenas onde – menos pressionadas por questões administrativas – as diretoras pudessem priorizar o exercício pedagógico. Para ele, só com proximidade e interação haveria eficácia didática no tratamento necessário da diversidade, inclusive a racial. Pode-se falar, também, ao seu referendo

---

<sup>2</sup> Essa é uma leitura da pesquisa realizada pelo Instituto Data Folha e publicada com o título *Racismo Cordial*. Editora Ática/Inst. Datafolha. SP. 1995.

entusiasmado ao viés multiculturalista (sem dúvida uma antecipação) em seminários de formação continuada de educadores, realizados por sua equipe na SMed em SP.

Não deixa de ser, portanto, surpreendente que, na questão racial, muitos entre os brasileiros que interagem com o estimulante pensamento de Paulo, perfilam-se pelo pensamento (além do mais tão antigo!) de Gilberto. Entre os Freireanos esse é um fantasma a exorcizar.

## **Bibliografia**

FREIRE, Gilberto. *"Casa Grande e Senzala"*. J. Olímpio. RJ. 19ª edição. 1978

\_\_\_\_\_. *"Sobrados e Mocambos"*. J. Olímpio. RJ. 4ª edição. 1968.

\_\_\_\_\_. *O Luso e o tropico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da Europa num complexo novo de civilização*. Lisboa: Oslo, 1961.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e pratica da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Guine-Bissáu: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, SCHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Editorial Andes. RJ. 1957